

Todos os direitos reservados pela Autêntica Editora. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida, seja por meios mecânicos, eletrônicos, seja cópia xerográfica, sem autorização prévia da Editora.

COORDENADORA DA COLEÇÃO: MENCIONS DEMOCRATICAS

André Rocha, David Calderoni, Helena Singer, Liana
L'Abbate Kelian, Luciana de Souza Chauri, Márcos Bertneck,
Marcelo Gomes Justo, Maria Luci Buff Migliori, Maria Lucia
de Moraes Borges Calderoni.

CONSELHO EDITORIAL INTERNACIONAL

Roventura de Sousa Santos (Universidade de Coimbra/
University of Wisconsin), Christian Azaïs (Université de
Picardie Jules Verne d'Amiens), Diego Tatan (Universidad
Nacional de Córdoba), Laurent Bove (Université de Picardie
Jules Verne d'Amiens), Mariana Garza, Marilene de Souza
Chauri, Milton Meira do Nascimento (FEU-UNSP, Paul Israel
Singer (FEA-USP), Sandra Jouchelevitch (London School
of Economics), Vittorio Morino (Università degli studi di
Milano-Bicocca).

EDITORA RESPONSÁVEL:
Regiane Dias

EDITORA ASSISTENTE:
Cecília Martins

REVISÃO:
Almeida Sabena
Lucia Assunção

CAPA:

Alberto Bertencourt

ORGANIZAÇÃO:
Christiane Morais

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Camara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Construções da felicidade / organizadores André Rocha, David Calderoni,
Marcelo Gomes Justo. -- Belo Horizonte : Autêntica Editora / Núcleo
de Psicopatologia, Políticas Públicas de Saúde Mental e Ações Comu-
nicativas em Saúde Pública da Universidade de São Paulo (UNUSP-USP),
2015. -- (Coleção Invenções Democráticas, 51)

Vários autores.

ISBN 978-85-8217-579-8

1. Ensaios - Coletâneas. I. Rocha, André. II. Calderoni, David. III. Justo,
Marcelo. Gomes. IV. Série.

15-02674

CDD-080

Índices para catálogo sistemático:

I. Ensaios : Coletâneas : 080



Belo Horizonte

Rua Artur de Alencar, 1001 - Pampulha - Funcionários
30140-021, Belo Horizonte, MG
Tel.: (51) 311 3214 / 31700

São Paulo

Av. Paulista, 2.073, Conjunto Nacional/Horua I
2.º andar, Cx. 2001 - Companhia Celar
01311-900, São Paulo, SP
Tel.: (051) 3034 4444

Sumário

9

Apresentação 9
Os organizadores

Crise induzida pelo neoliberalismo *versus* invenções democráticas 11

Paul Singer

O presente e o futuro das invenções democráticas..... 19

Clarita Müller-Planenberg

Felicidade Interna Bruta (FIB) no Brasil..... 63

Susan Andrews

Educação integral e territórios educativos 71

Helena Singer

A educação democrática em Israel..... 87

Yisroel Hersh

Práticas emancipatórias na construção do justo e da justiça 99

Pyronella Maria Boonen

Faculdade, pesquisa e intervenção: a atividade inicial em educação
gubernaibela 111

Cláudio Elyzer

A democracia nasce controlada pela uniformização das opiniões, mas pela construção de diálogos entre as diferentes posições. Como disseram, os trabalhos que compõem este livro exprimem posições diferentes que constituem concordâncias e discordâncias teóricas e práticas. No entanto, aproximam-se como experiências situadas nas fronteiras entre ciência e ativismo. Expressam concepções de ciência em que o rigor acadêmico da busca do conhecimento crítico e a coerência metodológica permitem ultrapassar as dicotomias entre ciência "pura" e "aplicada", entre análise distanciada e envolvimento político com os sujeitos pesquisados e entre teoria e prática. Além dessa interface entre a busca do conhecimento e a busca da justiça social, percebe-se que os autores e as autoras enunciam seus pensamentos de lugares próximos ao campo da extensão universitária. A extensão universitária pode ter múltiplas definições, mas seu lugar aparece – muitas vezes – como algo a ser feito quando sobra tempo do ensino e da pesquisa. E, principalmente, nem sempre é vista como a possibilidade de o pesquisador aprender com o outro.

Não obstante, ao se reunirem nesse colóquio pesquisadores de diferentes países que vêm praticando maneiras democráticas e cooperativas de produzir conhecimento, eles puderam demonstrar como exercer uma concepção de extensão universitária em que o outro é reconhecido como interlocutor fundamental para as construções do conhecimento, da experiência democrática e quicá da felicidade. Assim, esta obra plural constitui um documento histórico que afirma a academia na aprendizagem recíproca dos e com os movimentos sociais e intelectuais que se identificam como maneiras criativas e solidárias de desenvolver autonomia e cooperação em amplo leque intersetorial, interdisciplinar e internacional, envolvendo estudantes, educadores, juizes, procuradores, sociólogos, psicanalistas, promotores, filósofos, psicólogos, economistas, engenheiros, geógrafos, parlamentares, historiadores, cientistas políticos, administradores públicos, representantes comunitários e ativistas político-culturais originários de Alemanha, Argentina, Brasil, Estados Unidos, França, Inglaterra, Israel, Portugal e Uruguai.

Em suma, os diálogos que deram origem a esta obra coletiva permacem abertos não só para novos participantes, mas também para novas invenções democráticas. O propósito maior deste trabalho, ao registrar o estágio atual das interlocuções, consiste em abrir novas possibilidades de diálogos e práticas comuns. Que os leitores e as leitoras deste livro sintam-se convidados a participar do mister de inventar e reinventar a democracia!

Crise Induzida pelo neoliberalismo *versus* Invenções democráticas

Paul Singer

Farei algumas considerações principalmente sobre democracia. Quero dizer que, para mim, a democracia é a maior conquista da humanidade. Estou, pelo menos desde 1996, promovendo uma forma democrática de fazer economia, que é a economia solidária e frequentemente faço discussões sobre economia solidária e democracia. Costumava dizer, inclusive escrevi sobre isso, que a origem da economia solidária foi a revolução industrial: a invenção das cooperativas, os socialistas utópicos e uma série de outras coisas. Mais recentemente alguém, após ouvir minha interpretação, disse-me o seguinte: olha, não é bem verdade que a economia solidária nasceu no século XVIII ou XIX, pois sempre houve populações indígenas, sempre houve populações tradicionais que praticam a economia solidária. E isso é verdadeiro e me fez repensar. Hoje eu digo, depois de ter escrito alguma coisa sobre isso, que a economia solidária é tão antiga quanto a humanidade.

Marilena fez agora há pouco uma série de relatos contemporâneos¹, mas a ideia de cooperar, resistir e, mais do que isso, lutar remonta praticamente até o início da humanidade. Os povos indígenas ou aborígenes da África, da Ásia, da Oceania, da América Latina, da América do Norte, todos, sem exceção, são democráticos. Nenhum deles

¹ Este e outros autores referir-se-ão à fala de Marilena Chavi no Colóquio, mas seu texto não consta desta publicação.

oprime as mulheres. Nenhum deles toma decisões sozinho, as decisões são tomadas geralmente em assembleias onde jovens e velhos, homens e mulheres participam. Se isso não é democracia, eu não sei o que é.

O que quero dizer a vocês é que a luta pela democracia nunca termina. É um processo que acompanha a humanidade nos últimos milhares de anos. Marx e Engels se referiam à economia solidária dos tempos pré-históricos como *Ukommunismus*, que significa, quando mal traduzido, "comunismo primitivo", mas na verdade a ideia é do originário, trata-se do *comunismo original*. Por que a humanidade durante tanto tempo praticou ao menos essa forma de democracia? Todas as pessoas tinham de trabalhar para sobreviver. A possibilidade de explorar o trabalho alheio não existia. Os prisioneiros de guerra eram mortos, e alguns povos aproveitavam e os comiam por várias razões. Com a sedentarização, a revolução agrícola que substituiu o extrativismo pela criação agrícola e pela criação de animais, elevou-se nitidamente a produtividade do trabalho, e sempre que há essas transformações em que a humanidade conquista maior capacidade de produção com menos esforço, menos tempo e menos recursos há grandes possibilidades de avanço. Nesse caso, não houve avanço, mas retrocesso, pois inventaram a escravidão. A escravidão aparece com a agricultura sedentária e tudo o mais que se segue. Então povos que eram democráticos e solidários passaram a ter classes sociais distintas. Não só de escravos estrangeiros, que eram sempre prisioneiros de guerra, mas de proprietários que faziam parte da população e dominavam as terras, e assim por diante. Temos provas de lutas de classes na Roma Antiga, e assim vai.

A democracia surge, e surge com uma força enorme, no século XVIII efetivamente, com as duas grandes revoluções. A Revolução Americana, que proclama, ao declarar sua independência da Inglaterra numa luta que durou sete anos, o direito à busca da felicidade. Esta frase da Declaração de Independência dos Estados Unidos até hoje tem um enorme significado. O que quer dizer: "todos nós, que moramos nos Estados Unidos, temos o direito de buscar a felicidade?". É o que os franceses, poucos anos depois, chamariam do direito de todos os cidadãos à liberdade, à igualdade e à fraternidade. Vocês veem alguma grande diferença? Eu não vejo nenhuma. Esses momentos da história foram absolutamente fundamentais. E tanto foram fundamentais que os grandes autores do Iluminismo nos iluminam ainda hoje. E nunca paramos de lutar. E nunca paramos, como Clarita nos mostrou, de

perder. É uma luta de vaivém. Todos os casos que a Clarita nos trouxe são perdidas que o povo se organiza para recuperar. A última foi a perda da água, tão interessante e importante, mas há outras também.

Por isso as invenções democráticas são resultado de lutas. Mas também resultado de avanços científicos. Hoje estamos falando em invenções democráticas que implicam em uma revolução educacional, uma revolução na psicologia e na psiquiatria para a saúde pública, uma revolução na economia, etc... Essas invenções são revoluções em marcha, e por isso vejo muito futuro para elas. Não vai ser fácil, não, há derrotas, nem todas as lutas são ganhas, mas a maioria é. Eu sinceramente continuo achando que a humanidade avança, com contradições, com dificuldades, mas avança. Nesse sentido continuo tão otimista como sempre fui. É minha condição. A Susan está aqui ainda ou já foi? Uma pena, pois foi ela que me fez ir até o Butão. Devo isso a ela. E foi um enorme aprendizado para mim. Estou com mais de 80 anos, gente. Quando você começa a aprender alguma coisa nessa idade é porque realmente vale a pena. E eu me sinto profundamente feliz por causa disso. Nunca imaginei que a felicidade pudesse ser um objeto de estudo científico. Hoje estou convencido de que a felicidade e a infelicidade são produtos sociais. Não são coisas que a gente sofre ou goza por acaso. Acontece na interação humana. Isso é o que o esforço de Butão mostra muito claramente. Construímos a nossa felicidade pela democracia. Não há nenhuma contradição nisso que estou dizendo. A não democracia produz infelicidade: nós não fomos feitos para ser otimizados.

Quando eu era menino bem pequeno lá na Áustria, lembro-me da minha mãe, que era viúva, lembro que o maior elogio que se podia fazer a uma criança era ser obediente. Uma boa criança é a criança obediente. Bom, pelo jeito nunca fui uma boa criança, porque nunca gostei de obedecer. Mas a ideia básica da democracia é que somos todos não iguais, mas com a mesma dignidade de ser humano. E ela é tão importante que se vocês pensarem numa revolução democrática, hoje não está tanto na moda, mas ela é interessantíssima. Estou pensando nos zapatistas do México, que colocaram como grande objetivo de sua revolução a dignidade, a reconquista da dignidade humana. Eu diria que isso continua sendo autêntico para os nossos excluídos, aqui em São Paulo que seja, no Rio, no Nordeste. E a prática da economia solidária, a que Clarita referiu-se tantas vezes, é uma prática do resgate humano. E, sinceramente, eu estou nessa não só porque tenho

a oportunidade de ajudar a fazer. Estou olhando aqui para o Nicolau Priante e ele faz provavelmente numa escala até maior do que eu. Mas fazemos. E você vê as pessoas, poder conversar com as pessoas. E devo dizer aqui que essas pessoas são geralmente mulheres. Porque as mulheres são oprimidas. E as crianças são oprimidas. Precisamos de democracia para as crianças. O que o Pacheco disse, ele não está mais aqui? Também que pena. A revolução que o Pacheco está trazendo, que a Helena e suas companheiras estão criando. Ele usou a palavra-chave hoje: "comunidade de aprendizagem". Essa palavra foi inventada em Barcelona. O que é uma comunidade de aprendizagem? É uma escola democrática, autogestionária, em que adultos, crianças e adolescentes administram a sua comunidade de aprendizagem, e a escola não tem nenhuma separação com a comunidade humana que a cerca. Então ela é frequentada por adultos que se interessam pela escola, podem ser os pais das crianças, podem ser parentes, podem ser amigos. A escola, em vez de ser uma coisa fechada, disciplinada, pré-programada e assim por diante, é alguma coisa, eu diria um gerador de invenções democráticas. Naturalmente as crianças são igualitárias, não são propensas a brigar, mas pode brigar de vez em quando, claro que pode.

Eu queria dizer meramente o seguinte. Estamos numa das piores crises da história do capitalismo. Ela começou em 2008, e já são cinco anos agora. E há o sofrimento humano que essa crise acarreta em certos lugares. Não é o Brasil, mas é a Espanha, é Portugal. O número de suicídios está aumentando. Clarita usou a palavra espanhola *desahúcio*, que é muito mal-entendida por nós. É despejo, gente. Na Espanha houve uma bolha imobiliária. Houve uma época em que a Espanha estava próspera, e muita gente comprou apartamentos e casas com empréstimos hipotecários. Agora eles não podem pagar mais, porque perderam os empregos. Muitas vezes ele e ela perderam o emprego. Então junto com o emprego eles perdem a casa, eles têm família, o que acontece com eles? Eles se matam. Surge o suicídio econômico. O que é uma monstruosidade, gente. Então eu vejo a luta pela democracia como sendo equivalente à luta contra o capitalismo.

O capitalismo deu uma reviravolta profunda nos anos 1970, e vou tentar explicar o que penso sobre isso, porque aí a história mudou de rumo. Na década de 1970 nós tínhamos conquistado — nós eu digo o movimento operário, se vocês me permitirem, que inclui tudo isso de que estamos falando. Nós tínhamos conquistado o chamado Estado

do Bem-Estar Social. Significa escola e assistência à saúde gratuitas e universais. Não se paga nada, as pessoas têm o direito do berço até o túmulo de ser partícipes de comunidades de aprendizagem e também o direito de ter o melhor tratamento médico disponível. Isso custa dinheiro. Esse dinheiro implica em aumentar os impostos, alguém tem de pagar isso. Depois da Segunda Guerra Mundial isso tudo foi para a conta dos mais ricos, porque a esquerda ganhou uma guerra mundial.

A única guerra mundial que foi totalmente ideológica foi a Segunda Guerra. A Primeira Guerra foi uma luta entre impérios, e o Império Turco não era nem melhor nem pior do que o Império Austro-Húngaro, e assim vai. A Segunda Guerra foi uma guerra totalmente diferente, foi uma guerra entre democracia e comunismo contra o fascismo, que era contra tudo isso e atacou a Rússia, e deu no que deu. Qual é a importância disso? É que a direita mundial foi derrotada. E já estão surgindo filmes históricos para mostrar, vocês devem lembrar, a enorme quantidade de fascistas e nazistas que tinha em outros países, não só na Itália e na Alemanha. Hess² voou para a Inglaterra no início da guerra, enviado provavelmente por Hitler, pois era um homem de sua total confiança, porque havia nazistas na nobreza inglesa. Tinham grande simpatia pelo nazismo, por Hitler, Mussolini, etc.... Na Segunda Guerra Mundial não se sabia exatamente... Hitler atacou a União Soviética para ver se ganharia o apoio dos outros. Hitler não queria a guerra nem com a Inglaterra nem com a França. Ele queria fazer a guerra contra a Rússia naquela ideia maluca de que os alemães precisavam de mais espaço vital. E iria provavelmente até a China, mas perdeu antes. Qual é a importância disso? É que o movimento operário sai muito forte depois da Segunda Guerra Mundial. Depois de toda aquela monstruosidade, em que milhões e milhões de pessoas totalmente inocentes foram assassinadas pela sua etnia, não pela sua religião, mas por quem eram seus pais, avós e assim por diante.

O resultado da Segunda Guerra Mundial foi uma baixa derrota da classe dominante. E foi uma compressão da taxa de lucro e isso é verdadeiro. Não foi imediato, não foi em 1950 ou 1960, mas foi na década de 1970. E isso coincide com a descolonização, que também

² Joseph Goebbels (1897-1945) (Nota de transcrição)

acontece só depois da Segunda Guerra Mundial. Todas as colônias são transformadas em nações independentes e, portanto, passam a ter uma chance de ser democráticas. Mas essas lutas da descolonização acabaram resultando num fenômeno importantíssimo e de que pouca gente se lembra: os dois choques do petróleo, em 1974 e em 1979.

Esses choques lançaram os países não produtores de petróleo em uma situação impossível, pois não se pode abrir mão do petróleo, ele é vital para a vida, como é a energia elétrica. Então o Brasil, por exemplo, tornou-se o mais endividado dos países do Terceiro Mundo. Mas todos os países se endividaram enormemente. O aumento do preço do petróleo causou fortes pressões inflacionárias. E chegamos à hiperinflação aqui no Brasil na década de 1970, depois do "milagre econômico". O resultado foi que a taxa de lucro baixou. Não foi trágico, não foi a ponto de que os capitalistas tivessem de vender suas fábricas, não aconteceu nada disso. Mas de alta que era ela caiu. Esse fato levou a classe dominante inglesa e americana a dar uma forte virada para o passado. Um retrocesso. Eles tiraram da naftalina o chamado "conservadorismo pré-keynesiano". Keynes fez uma revolução, gente, e isso permitiu ao mundo crescer por décadas e a democracia avançar em muitos lugares. O capitalismo voltou para trás. É o que acontece hoje nos países sob austeridade, novamente países endividados que são obrigados a cortar profundamente o gasto público à custa dos trabalhadores e só dos trabalhadores, pois ninguém mais paga essa conta a não ser a classe operária, diretamente os funcionários do governo e indiretamente os usuários. Estão privatizando a saúde pública, gente. Estão privatizando a educação pública. Há crises que decorrem disso na Espanha, em Portugal e em outros países também. A luta está declarada.

Acho que essa crise não vai passar. Eu me enganei totalmente, não tenho vergonha de dizer isso, porque no início da crise, em 2009, o mundo inteiro fez o que Keynes recomendou: aumentem o gasto público, façam com que surjam mais demandas para que não haja uma queda trágica da produção, do desemprego, do sofrimento, do suicídio e assim por diante. Só que os países que fizeram isso e saíram logo da crise ficaram com uma dívida pública grande. E os bancos que foram resgatados da crise financeira de 2008 financiaram. Financiaram porque eram bonzinhos? Que nada. É porque é uma dívida que provavelmente nunca deixará de ser paga. Pois bem. O que vimos a partir desse ponto? Os bancos, chefiados pelo Banco Mundial, pelo Fundo Monetário Internacional e pela Comissão da União

Europeia, obrigaram os países a fazer a bendita ou maldita austeridade, que é o contrário da política keynesiana. E isso foi predito.

Quando a Grécia, o primeiro país a entrar na crise, foi obrigada a mandar não sei quantos funcionários embora, foi obrigada a cortar os salários dos funcionários que não foram mandados embora, a cortar o máximo para pagar os juros de uma dívida muito grande que eles tinham escondido, todos nós (digo os economistas não neoliberalis) sabíamos que a crise teria de voltar. Levei tempo para acreditar que isso estava acontecendo. Nunca vi um negócio tão absurdo. Só que agora se generalizou. A Inglaterra está em recessão. A Itália está em recessão? Espanha. Quer dizer, mais da metade da Europa. Onde não há recessão? Só na Alemanha e talvez nos países escandinavos, os chamados países do Norte. Não sei bem por que, mas sorte para eles.

O fato fundamental é este: o mundo, a humanidade (desculpem falar em termos tão amplos), mas, mais modestamente, a esquerda, que tem uma proposta fundamentalmente democrática, está à procura de uma utopia. Não dá para apenas criticar. Há muita coisa para criticar, e deve ser feita a crítica, mas isso não mostra o que fazer. Então, acho que a solução para a crise capitalista se chama *democracia*. Democracia e economia solidária. Democracia e educação democrática. Estou tentando dizer a vocês que o nosso futuro é um futuro importante não porque eu queira dizer que nós vamos ganhar todas, mas porque nós podemos efetivamente criar outra democracia que seja menos representativa e mais participativa. Isso já está bem estudado e há muitas experiências em andamento.

Quero terminar (desculpe por falar tanto) dizendo meramente isso: cada vez que nós inventamos alguma coisa no campo da democracia, essa invenção passa a ser conhecida, passa a ser imitada. E onde ela é imitada não é igual ao que inventamos. Isso significa uma nova invenção. Eu estou olhando aqui para o Nicolau, que é um dos nossos mais recentes inventores de democracia. Eu sinceramente sou seu admirador, você sabe disso, pelo que vocês estão fazendo no Mato Grosso. Eu espero que cada vez mais no país e no resto do continente, porque é realmente muito bom. Mas há outros inventores, e essas revoluções democráticas tendem não só a continuar, mas também a se alimentar mutuamente. Para terminar: estamos construindo um outro mundo, estamos construindo uma outra sociedade, a democracia imperfeita e incompleta que temos nos dá espaço para isso, e esse capitalismo infeliz porque retrogrado nos dá toda a motivação de que precisamos. Obrigada